

AUTONOMIA NA PEDAGOGIA PROPOSTA POR PAULO FREIRE¹

Lizandra da Silva Conceição²

RESUMO

A proposta deste artigo visa discutir o tema da autonomia na perspectiva pedagógico-crítica proposta por Paulo Freire. Trata-se de um estudo bibliográfico no qual se busca trazer pontos relevantes para a reflexão sobre a concepção de autonomia presente no pensamento do educador brasileiro, tendo como referência os escritos contidos em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (2003). Além do estudo da obra, a pesquisa analisa aspectos da vivência com educadoras(os) alunas(os) da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do município de Irará, região metropolitana de Feira de Santana-BA, com vistas a coletar junto às educadoras, suas percepções e significados sobre a concepção de autonomia proposta por Freire. De acordo com as análises apresentadas neste trabalho, concluímos que a pedagogia da autonomia se assenta fundamentalmente em condições participativas e dialógicas de ensino e aprendizagem, por meio das quais, alunos e professores possam intercambiar conhecimentos como uma experiência de liberdade, reconhecendo e assumindo seu papel no mundo.

Palavras-chave: autonomia do aprendiz - Irará (BA); educação de jovens e adultos - Irará (BA); Freire, Paulo, 1921-1997. Pedagogia da autonomia.

ABSTRACT

The purpose of this article aims to discuss the topic of autonomy from the pedagogical-critical perspective proposed by Paulo Freire. This is a bibliographical study that seeks to bring relevant points to the reflection on the conception of autonomy present in the Brazilian educator's thinking, using as reference the writings contained in his work *Pedagogia da Autonomia* (2003). In addition to studying the work, the research analyzes aspects of the experience with educators who are students of the Youth and Adult Education modality, in the municipality of Irará, metropolitan region of Feira de Santana-BA, with a view to collecting information from educators, their perceptions and meanings about the conception of autonomy proposed by Freire. According to the analyzes presented in this work, we conclude that the pedagogy of autonomy is fundamentally based on participatory and dialogic teaching and learning conditions, through which students and teachers can exchange knowledge as an experience of freedom, recognizing and assuming their role in the world.

Keywords: Freire, Paulo, 1921-1997. Pedagogy of autonomy; learner autonomy - Irará (BA); youth and adult education - Irará (BA).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob orientação do Prof. Dr. Jorge Garcia Basso.

² Licencianda em Pedagogia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta discutir a prática educativa na perspectiva pedagógico-crítica proposta na obra *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire. Trata-se de um estudo bibliográfico no qual se busca trazer pontos relevantes para a reflexão sobre a concepção de autonomia e emancipação articuladas pelo autor nesta obra. Qual o significado dessa autonomia para Paulo Freire? Como a prática docente se articula com uma ação social transformadora e de afirmação humana?

Para Paulo Freire, a educação deve ser uma experiência libertadora, “a libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos” (FREIRE, 1987, p. 35).

Em seus escritos, Freire defende uma prática docente que promova uma educação emancipatória, em que todos sejam capazes de entender e intervir na sua realidade, para serem agentes da sua própria História. Uma educação emancipatória decorrerá sempre de uma pedagogia crítica que seja capaz de fornecer instrumentos, para que todos possam se assumir como sujeitos.

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (FREIRE 1991, p. 126)

Embora a educação não seja a única responsável pela transformação do mundo, é ela que deve preparar o educando para conviver em sociedade de forma crítica, libertadora e emancipatória, auxiliando assim, na transformação do contexto social e na afirmação da educação como um direito humano. Este ensaio está organizado em três partes, a primeira aborda a trajetória de vida de Paulo Freire em suas experiências desde a infância, passando por seu processo formativo e seu percurso como educador, com vistas a discutir aspectos que nos parecem relevantes para situar o personagem em seu contexto histórico. A segunda, busca discutir as concepções de autonomia a partir de um estudo da obra *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire (2003). Na terceira seção, discutirei aspectos da prática docente que pude observar em minhas experiências de estágio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, junto a um grupo de educadoras e educadores, alunas e alunos desta modalidade de ensino no município de Irará - região metropolitana de Feira de Santana-BA, durante o período da

pandemia de COVID-19, bem como em uma entrevista realizada com uma coordenadora de ensino estadual, que me possibilitaram reflexões sobre a prática docente à luz da perspectiva pedagógico-crítica proposta por Paulo Freire.

2 A TRAJETÓRIA DE UM EDUCADOR

Paulo Reglus Neves Freire, nasceu em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife, no bairro da Casa Amarela, era o quarto filho de um oficial da Polícia Militar de Pernambuco Joaquim Temístocles Freire e da dona de casa e bordadeira Edeltrudes Neves Freire, também chamada de Tudinha. O pequeno Paulo, foi alfabetizado em sua casa com a ajuda de seus pais, desenhando letra e palavras no chão de terra. “Aos seis anos, entrou na escola particular de Eunice Vasconcelos, a jovem de dezessete anos que semeou em Paulo o gosto pela leitura. Com ela exercitava a formação de sentenças a partir de palavras que escrevia em um pedaço de papel” (HADDAD, 2019, p. 27).

Aos 10 anos de idade, ele e sua família mudaram-se para a cidade de Jaboatão, município próximo da capital pernambucana, perdeu seu pai aos 13 anos de idade, e isso fizera com que a vida da família passasse por uma grande transformação, tal acontecimento fez com que a vida escolar do jovem Paulo se retardasse, sua entrada no curso ginásial³ ocorreria somente quando ele já contava dezesseis anos, conseguindo uma bolsa de estudos da escola.⁴

Eu fiz a escola primária exatamente no período mais duro da fome. Não, da “fome” intensa, mas de uma fome suficiente para atrapalhar o aprendizado. Quando terminei meu exame de admissão, era alto, grande, anguloso, usava calças curtas, porque minha mãe não tinha condições de comprar calças compridas. E as calças, curtas, enormes, sublinhavam a altura do adolescente. Eu consegui fazer, Deus sabe como, o primeiro ano do ginásio com 16 anos. Idade com que meus colegas de geração, cujos pais tinham dinheiro, já estavam entrando na faculdade (FREIRE apud BRANDÃO, 2005, p. 27).

Durante o período como estudante, Paulo Freire começou a descobrir uma certa paixão pelo ensino, apesar de ter estudado Direito na Faculdade de Recife, ele iniciou a sua carreira profissional como professor de Língua Portuguesa, dedicando-se a estudar por conta própria

³ No Brasil, até o ano de 1975, o chamado curso ou ensino ginásial correspondia ao estágio educacional que se seguia ao ensino primário que antecedia o ensino colegial, que correspondia aos anos finais do atual ensino fundamental.

⁴ As referências utilizadas para abordarmos a trajetória de vida e formação de Paulo Freire, estão baseadas nos seguintes estudos: Beisiegel (2010), Brandão (2005), Freire (2003, 1996), Haddad (2019).

filologia e filosofia da linguagem. Em 1944, casa-se com a professora Elza Maria Costa, com quem viveu quarenta e dois anos e tiveram cinco filhos.

Freire desenvolveu um trabalho por dezessete anos no SESI – Serviço Social da Indústria, na cidade de Recife, onde angariou uma extensa experiência como educador, nessa mesma época se dedicou ao trabalho de formação para professores e ensinava que deveria haver respeito, diálogo e a participação de todos para o desenvolvimento de uma educação de qualidade.

No início da década de 1960, foi nomeado professor de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife. Em 1962, criou o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife e foi nomeado seu primeiro diretor. No ano seguinte, quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional criou os Conselhos Estaduais de Educação, ele foi indicado pelo então governador Miguel Arraes, como um dos conselheiros do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco.

Ainda no ano de 1963, Paulo Freire, acompanhado por uma equipe de educadores, desenvolveu um método de alfabetização que conseguiu em apenas 40 horas, alfabetizar 300 adultos na cidade de Angicos, região central do estado do Rio Grande do Norte. Os estudantes eram todos trabalhadores dos canaviais locais. Entre 1960 e 1963, foram anos de intensa mobilização social no Brasil, no campo das artes e das ciências vivia-se uma atmosfera de vocação transformadora. As experiências de Freire e sua equipe na região norte do país, bem como a organização do Plano Nacional de Alfabetização pelo governo João Goulart, não foram bem visto pelos setores retrógrados e conservadores da sociedade brasileira, entre eles, os militares que viriam a assumir o controle do país em março de 1964.

O debate sobre o voto do analfabeto voltou à tona nos meses que se seguiram ao golpe militar. Em um país que historicamente proibia o voto aos iletrados, o Programa Nacional de Alfabetização representava uma ameaça aos redutos políticos cativos nas eleições seguintes. Em Sergipe, por exemplo, o Programa permitiria acrescer 80 mil eleitores aos 90 mil já existentes. Da mesma forma, em Recife, a iniciativa praticamente dobraria a quantidade de eleitores, elevando de 800 mil para 1,3 milhão o número de títulos. Projetados no cenário nacional, os exemplos demonstravam como o método do professor Paulo Freire, que propunha alfabetizar um iletrado em 40 horas, poderia alterar a correlação de forças políticas. Como o programa de alfabetização, a questão do voto dos analfabetos também estava em debate e exigia uma resposta do novo governo (HADDAD, 2019, p.15, 16).

Após o golpe militar impetrado em 1964, inicia-se um cortejo de decretos e medidas governamentais que levariam à convocação de Paulo Freire a uma série de interrogatórios seguidos de um breve de prisão e o inevitável exílio político em outubro do mesmo ano.

As ideias e as propostas político-pedagógicas de Paulo Freire eram então bastante conhecidas. Ele era convidado a dialogar com educadores populares de norte a sul do Brasil. No interior de um amplo universo de trabalhos pedagógicos e políticos e de cultura popular, que em todo o país mobilizava artistas, estudantes, educadores, cientistas, religiosos e educadores, além de inúmeras lideranças populares, Paulo Freire se tornou em pouco tempo uma referência essencial. E foi justamente a ousadia de suas ideias e propostas que o levou ao exílio (BRANDÃO, 2005, p. 37).

No exílio, Freire conheceu e trabalhou em vários países da América Latina, Estados Unidos e Europa, assim como, em alguns países do continente africano. Aos 43 anos de idade e cinco filhos, mais do que nunca, cada uma de suas palavras e gestos continha um profundo sentido de resistência ao autoritarismo. Viajou sozinho para a Bolívia, “a família uniu-se a ele meses mais tarde. [...] De algum modo, Paulo e Elza sabiam que haveriam de viver longos anos longe do Brasil” (BRANDÃO, 2005, 68).

A família permaneceu pouco tempo na Bolívia, passando por vários outros países, entre eles o Chile, onde começou a trabalhar e deu continuidade ao projeto de alfabetização que desenvolvia no Brasil, lá participou de programas de educação popular, foi assessor do Instituto de Desarrollo Agropecuario do Ministério da Educação e consultor junto à UNESCO. Muda-se com sua família para os Estados Unidos da América do Norte, exercendo a docência na Universidade de Harvard, em seguida mudam-se para Genebra na Suíça, onde trabalhou no setor da educação do Conselho Mundial de Igrejas, uma instituição de confissões religiosas que, “entre outras atividades, protegia perseguidos políticos. Ora, essa longa experiência de estudos, de diálogos e de trabalhos abarcou todo o seu tempo de exílio, de 1969 até o seu retorno ao Brasil em 1980” (BRANDÃO, 2005, p. 71).

No exílio Paulo Freire, como responsável sobre educação no Conselho Mundial de Igrejas, visitou países africanos de Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e em Angola, entre outros. Depois de 16 anos fora do Brasil, Paulo Freire consegue retornar ao país, somente no início da década de 1980, para morar em São Paulo, com sua família. De volta e reconhecido mundialmente como um dos educadores mais importante do mundo, Freire vai trabalhar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (PUC-SP), bem como professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

No âmbito do seu trabalho com a Educação de Jovens e Adultos, Paulo Freire desenvolveu um projeto chamado MOVA (Movimento de Alfabetização) um trabalho que foi desenvolvido nas comunidades periféricas da cidade de São Paulo, nesse projeto foi utilizado o método de alfabetização que Paulo Freire havia desenvolvido no Nordeste antes de sair do Brasil, porém agora melhorado e com várias outras contribuições. Em 1986, Paulo fica viúvo, mas casa-se novamente em 1988 com Ana Maria Araújo Hasche. Ela fora sua aluna e orientanda

na elaboração da sua dissertação de mestrado. Ao lado de Nita, como ele a chamou sempre, Paulo viveu até o seu falecimento em 2 de maio de 1997.

Aos 75 anos de idade, deixou um imenso legado, defendendo em sua trajetória como educador que o ser humano é capaz de aprender a partir de suas próprias vivências e ele provou isso de forma surpreendente. Foi mais que um simples educador, se consolidou como um transformador de realidades e mostrou que somos capazes de aprender sem limite de idade. Hoje seus escritos, continuam publicados não só em português mais em muitas outras línguas, conseguindo colocar em prática tudo aquilo que sonhou e criou, transformando seus saberes e experiências em uma pedagogia. Uma herança que se mantém influenciando o trabalho de educadores, instituições e entidades de ações de inclusão social, espalhadas e executadas em todo o mundo.

3 O CONCEITO DE AUTONOMIA

Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* aborda os saberes necessários à prática docente, com tais conhecimentos os educadores teriam bases para formar indivíduos ativos e críticos para viver em sociedade. Desta forma, para construção da autonomia, Freire destaca que, não há docência sem discência, ou seja, antes de tudo, para formar estudantes com características ativas, é preciso que os professores estejam dispostos a aprender e essa aprendizagem perpassa pela reflexão da sua prática pedagógica. Sobre o seu fazer em sala de aula, e sobre sua abertura em compreender que como professor, ele aprende ao mesmo tempo em que ensina, “é preciso que, pelo contrário do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma após formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1996, p. 23). Sendo assim, a atuação docente em sala de aula deve ser uma troca de saberes que possibilite o diálogo e a construção do conhecimento conjuntamente.

Para tanto, será preciso desenvolver uma prática que promova o despertar da curiosidade em que o estudante avance da curiosidade ingênua, para uma curiosidade que possibilite a renovação do conhecimento, na busca de conteúdos que inquiete que problematize e que incentive a busca por soluções na vida social. Portanto, é importante reconhecer que não existe construção de conhecimento, nem ensino sem a pesquisa.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando e procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2003, p. 32)

Desta forma, a pesquisa na prática docente possibilita a construção e a reconstrução de novos saberes, é através dela que o conhecimento rompe com o saber superficial, o saber ingênuo, tornando-se um saber sistematizado, organizado, ou uma curiosidade epistemológica. O docente que se dispõe a pesquisar, a buscar por novas formas de aprender propiciará aos seus estudantes um “pensar certo, que é procurar, descobrir e entender o que acha mais escondido nas coisas e no fato que nós observamos e analisamos”, por meio das indagações e curiosidades dos estudantes, descortinam-se caminhos à construção do conhecimento e a interpretação das diferentes formas de agir em sociedade (FREIRE, 2003. p.77).

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnica, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer (FREIRE, 2007, p.86).

É importante que os educadores antes de iniciar a exposição dos conteúdos didáticos que muitas vezes podem se apresentar vazios para os estudantes, por estarem descontextualizados e distante da realidade do aluno, os docentes passem a apresentar uma prática em sala de aula que estimule e desperte a curiosidade e a vontade de aprender do educando, Freire acredita que uma educação problematizadora pode possibilitar ao educando o desenvolvimento da curiosidade, da autonomia e da criticidade no aluno.

O que pretende com o diálogo, em que qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento em sua ‘experimental’) é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explica-la, transformá-la (FREIRE, 1983, p.52).

A problematização do conhecimento em sala de aula é uma oportunidade que os educadores dispõem para desenvolver um diálogo com os educandos, na troca de informação, em que a escuta sensível entre docente e discente favorecem uma aprendizagem mais próxima do educando, em que o mesmo tem oportunidade de articular o conteúdo aprendido com a sua realidade, para assim poder intervir na sociedade em que vive, além de fornecer um aprendizado significativo para os estudantes.

Para de fato promover, no educando a autonomia é fundamental que se respeite o processo educativo, isto é, os diversos momentos de sensibilização, de problematização, de debate e, sobretudo, do exercício da escuta, pois sem ela o processo educativo para autonomia estará comprometido, afinal, o bom uso da palavra e da escuta promove exercício responsável e reacional (JUNIOR, 2017, p. 21).

Ao compreender o ser humano como um ser inacabado, inconcluso, Freire reconhece os educadores como profissionais em constante formação e reformulação da sua aprendizagem, e a escuta sensível e cuidadosa aos estudantes é uma maneira de refletir e de reconstituir seus saberes, reconhecendo assim, que sempre estamos aprendendo e que os estudantes podem contribuir com essas novas aprendizagens.

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias (FREIRE, 1996, p. 119-120).

A discussão sobre a autonomia discente, perpassa por muitos saberes descrito por Freire e um desses saberes é a compreensão que “ensinar não é transferir conhecimento, mas, criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p.47). Compreender e praticar estes saberes são fundamentais para formação de estudantes autônomos, críticos e ativos na sociedade, o que contrapõem a educação tecnicista que tem como objetivo transformar os estudantes em simples receptores e executores dos projetos. Neste modelo educacional, os professores transmitem o conhecimento aos estudantes, que apenas armazenam as informações, como indivíduos passivos e manipuláveis.

A concepção bancária, por fim, nega a realidade do devir. Nega o homem como um ser de busca constante. Nega a sua vocação ontológica de ser mais. Nega as relações homem-mundo, fora das quais não se compreende nem o homem nem o mundo. Nega a criatividade do homem, submetendo-o a esquemas rígidos de pensamento. Nega o seu poder de admirar o mundo, de objetiva-lo, do qual resulta o seu ato transformador. Nega o homem como ser de práxis. Imobiliza o dinâmico. Transforma o que está sendo no que é, e assim mata a vida. Desse modo, não pode esconder a sua ostensiva marca necrófila (FREIRE, 1997, p. 14).

A educação bancária vem contra à formação de indivíduos que sejam capazes de intervir e modificar a realidade que vivem, reforça a heteronomia e a passividade dos indivíduos na sociedade. Os estudantes não chegam à escola como uma folha em branco, em que precisam

ser domesticados. Pelo contrário, as crianças, jovens e adultos são constituídas de experiências e saberes que são construídos em sua família, em sua comunidade com seus pares, por isso, validar esses saberes na prática docente poderá contribuir para uma aprendizagem diferenciada e enriquecida para todos.

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir e ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiência estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer. Em experiências respeitadas da liberdade (FREIRE, 1996, p. 107).

Sendo assim, a autonomia não pode ser desenvolvida num contexto bancário de formação, pois, é preciso criar condições em sala de aula, para que os estudantes desenvolvam seu potencial autônomo, com práticas estimuladoras em que docentes e discentes possam juntos aprender e reaprender. A vida cidadã exige que todos sejam autônomos e ativos na sociedade, para que consigamos resolver problemas diários em nossas vidas ou até mesmo na sociedade em que vivemos. Tomar decisão por si, é uma ação libertadora, é saber pensar, traçar estratégias e partir para resolução buscando melhoria para sua vida e para o outro. Esta prática libertadora, passa pela conscientização crítica, na qual o educando toma consciência de sua realidade e também de si (JUNIOR, 2017, p. 25).

“A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 2006, p. 30).

A pedagogia defendida por Freire propõe uma educação para a liberdade, para formação de indivíduos realmente capazes de lutar pelos seus direitos, de reivindicar por justiça, de escrever sua própria história, sem precisar ser manipulado, ou controlado por alguns. A escola por ser um espaço de formação em massa, teria essa oportunidade desde que compreendesse que o fazer docente está além da simples e pura transmissão do conhecimento, em manter seu autoritarismo e intimidar aqueles estudantes, mais inquietos, curiosos que se mostram mais ativos que os demais. Em vez disto, usá-los para revolucionar sua sala de aula, com questionamentos plausíveis, que movimente os demais a participar das reflexões e discussões propostas por esse educando. O que corrobora para definição do professor Ernani Maria Fiori ao prefaciar o livro *Pedagogia do Oprimido*:

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender e escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existir-se, historicizar-se. Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização,

tem como ideia animadora toda amplitude humana da “educação como prática da liberdade” (FIORI apud FREIRE, 1987, p. 5).

Nessa perspectiva, podemos compreender a autonomia como uma prática libertadora, e a educação como espaço de construção para a formação de indivíduos autônomos, ativos e críticos, nesse sentido, percebe-se que não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem a articulação entre ação e reflexão, prática e teoria. O desenvolvimento do educando autônomo para Freire exige que os professores reflitam sobre a sua prática, promovam momentos dialógico entre professor e aluno e formem indivíduos aptos para conviver e resolver problemas na sociedade.

4 PROFESSORAS E PROFESSORES, ALUNAS E ALUNOS DE EJA

O pensamento pedagógico de Paulo Freire aponta que a teoria e a prática caminham juntas. Durante a minha formação no curso de pedagogia, em minhas experiências de estágio, pude perceber que pensar e refletir sobre a nossa prática era a forma mais correta de pensar e de agir pedagogicamente. Pois, o estágio é de fundamental importância na vida do futuro pedagogo pois, possibilita conhecer as especificidades e particularidades do ambiente escolar, para que a partir dele possamos acompanhar estratégias e métodos da prática docente. Essa experiência também contribui para a minha percepção do trabalho sempre coletivo e interativo que acontece na escola.

Nesses estágios, foi possível encontrar educadores que desenvolveram diferentes metodologias em sala de aula, profissionais que tinham vários anos de experiências e uma bagagem ampla de formação, outras e outros que não tinham tanto tempo de serviço, mas, apresentavam boas estratégias de trabalho. Sabemos que todas as escolas possuem um plano anual de curso, e é por meio desse plano que são divididas as unidades de ensino da escola. Cabe a cada professor, se adaptar a esses contextos para desenvolver seu trabalho com seus alunos.

Nesse sentido, o professor tem a tarefa não somente de ensinar conteúdos, mas de apontar caminhos para que seu aluno se torne capaz de pensar e refletir sobre o mundo em que cerca. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2003, p. 18).

No livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire discute os saberes necessários à prática docente, com vistas a desenvolverem uma pedagogia autônoma, fundamentada na ética, no respeito à dignidade e ao respeito ao educando, para ele, ensinar exige muito mais que transferir conteúdos, a educação deve ser uma forma de intervenção no mundo, é através dela o ser humano deverá buscar se capacitar a ser um cidadão crítico e formador de suas opiniões sobre o mundo, se reconhecendo como um ser que, tem uma responsabilidade histórica, social e política.

Ao professor cabe um importante papel na construção da autonomia do educando, pois ele vai ajudar a despertar o senso crítico no seu aluno, porém é necessário muito cuidado ao desenvolver esse papel e não confundir autonomia com autoritarismo, um professor autoritário é apenas um transmissor de conteúdo e acaba sendo visto como dono da verdade absoluta, tudo que ele fala é uma verdade inquestionável fazendo recordar a educação bancária. Para tanto, é necessário que o educador respeite o processo educativo de cada um, seja sensível, humilde, proponha debates, e acima de tudo saiba escutar seus educandos, isso fará com que o diálogo se estabeleça como uma das principais ligações entre educandos e educadores, e através dele que irá ocorrer a troca de experiências e conhecimentos.

É muito importante que nessa dinâmica dialógica sejam considerados os saberes e experiências do educando, uma pessoa quando chega à escola já traz consigo uma “bagagem”, ela já tem vivências que vai contribuir para o seu avanço na aprendizagem. Paulo Freire valoriza muito esses conhecimentos, e afirma que o processo de educação fica mais válido e rico quando se aproveita os saberes e experiências para gerar novos aprendizados. A escola não precisa ser uma instituição na qual só ensine conteúdos programáticos, mas é necessário que ela favoreça o conhecimento de mundo. Um educador necessita estimular seu educando a pensar, desenvolver a sua curiosidade, um educando crítico é aquele que questiona e que se assume como sujeito de sua história.

Durante meu estágio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, no período da pandemia de COVID-19, participei de um grupo de professores e alunos de EJA do município de Irará, região metropolitana de Feira de Santana-BA, que em razão das medidas sanitárias, se dispuseram a formar um grupo de professores e professoras, alunas e alunos, que juntamente com as(os) estagiárias(os) como eu, se reuniam semanalmente durante dez encontros pela plataforma Google Meet, e juntos compartilharam suas dificuldades e experiências em suas novas práticas de ensino-aprendizagem. Como estagiária, pude observar dezenas de relatos de professores e alunos que contavam sobre suas estratégias de trabalho em meio aos desafios e limitações do ensino on-line.

Essa experiência de estágio, pessoalmente foi muito gratificante, apesar da distância e do nosso contato on-line, foi possível perceber toda a riqueza de um trabalho onde os saberes e as experiências de cada um das alunas e alunos eram respeitados, as professoras trabalhavam questões ligadas ao cotidiano dos educandos, desde a colheita de milho à venda na feira da cidade, entre outras experiências. Cada uma das professoras e professores, bem como os alunos, tinham a oportunidade de falar e apresentar suas impressões sobre a importância daquele trabalho, não só pelos envolvidos nessa dinâmica, mas também para a cidade onde viviam. Então pude perceber através dessas vivências que, ensinar também exige respeito aos saberes dos educandos e o reconhecimento e a percepção da identidade cultural de cada um, assim acompanhei vários alunos se perceberem como parte daquele todo e pertencentes da construção da história daquele lugar, reconhecendo e fortalecendo a herança cultural da cidade.

Encerrada a pandemia, entrevistei uma educadora do município de São Francisco do Conde-BA, Rosinete dos Santos que coordenava a rede estadual de ensino que contribuiu com minha pesquisa, contando um pouco da sua prática dizendo que

como coordenadora pedagógica de um colégio estadual tenho a função de apresentar e refletir em conjunto com os docentes os saberes necessários para prática em sala de aula, sempre com a intencionalidade que esses saberes cheguem até os estudantes e despertem neles o gosto em aprender e se tornarem protagonista da sua aprendizagem.

Para a coordenadora entrevistada, faz-se necessário despertar no educador sua autonomia, os professores precisam ser ativos, críticos, abertos a novas aprendizagens, e a coordenação pedagógica a partir da reflexão sobre a ação docente, nos encontros de formação continuada em serviço, devem proporcionar o desenvolvimento dessas habilidades e motivar os educadores a despertar essas habilidades nos discentes. Mesmo porque, são os professores os maiores responsáveis pela formação dos estudantes em sala de aula, e realizar atividades dinâmicas e dialogadas, em grupo ou individualmente, favorece para uma formação integral do educando, tornando-o indivíduo preparado para tomar decisões mais assertiva no meio que vive. “Dito isto, mais fácil afirmar que o ‘bom ensino’ é aquele que resulta em aprendizagem; aquele que tem como produto a aprendizagem do aluno, no caso da ação do professor, ou a aprendizagem deste, no caso da ação formativa do coordenador” (PESSÔA e ROLDÃO, 2014, p. 129).

A coordenação pedagógica exige um profissional autônomo tanto quanto os professores, pois a construção de novas aprendizagens no espaço escolar precisa ser feita em conjunto, em que coordenador e professor dialoguem, reflitam e busquem soluções plausíveis para melhoria

da aprendizagem do educando, tendo sempre a consciência que “ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Por isso aprendemos sempre” e a formação continuada em serviço é esse momento de troca, de ação e reflexão do desenvolvimento da autonomia com o propósito de preparar estudantes aptos, ativos, críticos, participativos na sociedade (FREIRE, 1989).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita deste artigo, foi de fundamental importância para a minha percepção para perceber sobre a importância da autonomia para o sujeito na vida escolar e na vida social. É por esse processo de autonomia que se influencia tanto a vida do discente como docente transformando ambos em cidadãos críticos, formadores de opinião e de conhecimentos, para se reconhecerem como partes integrantes da sociedade em que estão inseridos.

O livro *Pedagogia da Autonomia* trata dos vários saberes necessários para que haja um ensino de qualidade e libertador, nele Freire apresenta várias iniciativas para que o professor estimule seus educandos a serem capazes de transformar a sociedade em que vivem. Através desse estudo foi possível perceber a importância que a educação tem na vida das pessoas e que esta é uma das poucas maneiras de fazer o ser humano se reconhecer como construtor da sua autonomia. Seguindo a base dos pensamentos de Freire, foi possível compreender a importância de estimular essa autonomia na atualidade, dando sentido aos objetivos deste artigo.

É preciso conscientizar nossos docentes que a eles cabem um dos papéis mais importantes na vida dos nossos educandos, o papel de auxiliar para que cada um se torne um ser melhor na sociedade, pois a maioria está condicionada aos saberes prontos. É preciso que as escolas estejam preparadas para resgatar o real sentido da autonomia como um todo, capacitando, escutando, amando, desenvolvendo, não somente seus educandos mais também seus profissionais para que nela exista a experiência de construtores de uma sociedade em que todos tenham condições adequadas de ser um sujeito autônomo.

REFERÊNCIAS

- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Paulo Freire* – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.
- FREIRE, Paulo *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *Papel da Educação na humanização*. Revista da FAEEBA, Salvador, n.7, p. 9-17. Jan/jun.1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HADDAD, Sérgio. *O educador: um perfil de Paulo Freire*. São Paulo: Todavia, 2019.
- PESSÔA, Lilian. ROLDÃO, Maria do Céu. Estratégias viabilizadoras da “boa formação” na escola: do acaso à intencionalidade. In: ALMEIDA Laurinda Ramalho. PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (Orgs.) *O coordenador pedagógico é a formação centrada na escola*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- VIANA JUNIOR, João da Conceição Viana. *A educação para autonomia em Immanuel Kant e Paulo Freire*. Trabalho Monográfico - Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação da Universidade Federal do Paraná - Curitiba, 2017.